

#ESTUDOEMCASA

BLOCO N.º 54		DISCIPLINA Português
ANO(S)	7.º e 8.º	
APRENDIZAGENS ESSENCIAIS	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura Ler em suportes variados textos: texto poético, texto biográfico. Reconhecer a forma como o texto está estruturado. Fazer inferências devidamente justificadas. Identificar tema(s), ideias principais, opiniões e argumentos. Utilizar procedimentos de registo e tratamento da informação. Compreender a utilização de recursos expressivos para a construção de sentido do texto. • Escrita Elaborar textos que cumpram objetivos explícitos quanto ao destinatário e à finalidade. • Educação Literária Interpretar textos em função do género literário, com base na análise da representação dos temas, das experiências e dos valores. Expressar opiniões e problematizar sentidos como reação pessoal à audição ou à leitura de um texto. 	

Bloco Temático n.º 54

“Correm as fontes ao rio”, de Percy B. Shelley.

“Busque Amor novas artes, novo engenho”, de Luís de Camões.

Educação Literária e Escrita

Lê atentamente o poema de Percy B. Shelley.

Filosofia do Amor

Correm as fontes ao rio
os rios correm ao mar;
num enlace fugidio
prendem-se as brisas no ar...
Nada no mundo é sozinho:
por sublime lei do Céu,
tudo frui outro carinho...
Não hei de alcançá-lo eu?

Olha os montes adorando
o vasto azul, olha as vagas
uma a outra se osculando
todas abraçando as fragas...
Vivos, rútilos desejos,
no sol ardente os verás:
– Que me fazem tantos beijos,
se tu a mim mos não dás?

1. Indica o desejo que o sujeito poético exprime neste poema.
 - 1.1. Explicita os dois momentos em que o faz de forma evidente.
2. Comprova que há um certo dinamismo na cantiga recorrendo a transcrições do texto.
3. Na segunda estrofe, o sujeito poético dirige-se a alguém. Destaca marcas textuais que comprovem

esta afirmação.

4. Indica o referente do pronome destacado nos versos seguintes: “Vivos, rútilos desejos, /no sol ardente os verás”.

Lê atentamente o soneto de Luís de Camões.

Busque Amor novas artes, novo engenho,
para matar-me, e novas esquivanças;
que não pode tirar-me as esperanças,
que mal me tirará o que eu não tenho.

Olhai de que esperanças me mantenho!
Vede que perigosas seguranças!
Que não temo contrastes nem mudanças,
andando em bravo mar, perdido o lenho.

Mas, conquanto não pode haver desgosto
onde esperança falta, lá me esconde
Amor um mal, que mata e não se vê.

Que dias há que n’alma me tem posto
um não sei quê, que nasce não sei onde,
vem não sei como, e dói não sei porquê.

1. Enumera as formas que o Amor tem, segundo o sujeito poético, de o atingir.
2. Justifica que o sujeito poético se considere imune ao amor.
3. Transcreve a metáfora que remete para a situação em que se encontra o sujeito poético.
4. Comprova que o sujeito poético acaba por ter dificuldade em definir o amor e a forma como ele surge.